

Panorama da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira Hoje: Tendências do Mercado.

LAURA CONSTÂNCIA SANDRONI*

Os leitores atentos e interessados em acompanhar os movimentos do mercado editorial estão certamente indecisos entre os números fornecidos pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros e as matérias que, por ocasião da 8ª Bienal Internacional do Livro, apareceram nos principais jornais e revistas do país.

Diz-nos o estudo do SNEL⁽¹⁾ recém divulgado, que em 1982 foram editados 913 títulos de autores nacionais contra 380 traduzidos, sendo que os primeiros somaram 9.628.526 exemplares contra 5.465.978 dos segundos.

PRODUÇÃO EDITORIAL BRASILEIRA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL*

ANO	TÍTULOS		EXEMPLARES	
	NAC.	ESTR.NAC.		ESTR.
1974		424		13.337.166
1975		919		17.438.928
1976		1.245		22.909.436
1977		1.092		17.981.355
1978		916		14.337.094
1979	586	574	7.619.187	9.260.179
1980	688	471	9.543.743	7.386.432
1981	1.913	1.503	17.467.175	9.886.333
* * 1982	913	380	9.628.526	5.465.978

* Fonte: *Boletim Informativo SNEL/Sindicato Nacional dos Editores de Livros.*

** obra citada (1)

1 — Produção editorial 1973/82 — análise de desempenho — 2ª e 3ª partes — mimeografado.

* Crítica de Literatura Infantil de O GLOBO — Rio de Janeiro. Assessora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)

Ao compararmos esses dados com os do ano anterior vemos que houve um decréscimo na produção, correspondente ao agravamento da crise econômica brasileira.

O mesmo estudo nos diz que a produção total de livros em 82 superou em 12% a do ano anterior; mas o que aqui nos interessa ressaltar é a diminuição dos títulos dirigidos a crianças e jovens.

A essas informações a FNLIJ acrescenta dados do IBGE que nos levam a refletir sobre a questão da formação de hábitos de leitura em nossa população absolutamente carente de livros: *em 5 milhões de domicílios, de um total de 24 milhões e 800 mil não havia um livro sequer*. Neles residem 20 milhões e 400 mil crianças com idade igual ou superior a 7 anos, quando é *obrigatória por lei* a matrícula nas escolas. E estes dados excluem a população rural da região Norte que, se incluída, não melhoraria muito este quadro². Observando ainda o quadro anterior vemos que dentro da realidade recessiva da economia, um dado não sofreu alteração: o número de exemplares de livros de autores brasileiros, que desde 1980 supera o das traduções, continua maior, enquanto no número de títulos essa vantagem se amplia de muito.

Outros dados importantes também nos são oferecidos pela FNLIJ através do trabalho que abre sua *Bibliografia Analítica da Literatura Infantil e Juvenil publicada no Brasil — 1975-1978*⁽³⁾.

Nele vemos que no período 1965 a 1974 foram analisados 1.192 títulos destinados a crianças e jovens enquanto no período examinaram-se 1.890.

Voltando ao quadro anterior verificamos que no quadriênio seguinte, 1979 a 1982, registra-se efetivo crescimento nessa área do mercado editorial.

De matéria recentemente publicada na imprensa⁽⁴⁾ retiramos algumas informações de grandes editores que se baseiam menos em números e mais num “sentimento” estreitamente relacionado ao comportamento do mercado:

(2) *Notícias* nº 7 — julho de 1982. Rio de Janeiro. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

(3) *Bibliografia Analítica da Literatura Infantil e Juvenil publicada no Brasil — 1975/1978* — Porto Alegre. Mercado Aberto, 1984.

(4) O novo “filão” dos infantis — In: *Gazeta Mercantil*. São Paulo, 5 de setembro de 1984.

“O ‘boom’ da literatura infantil chegou à editora Nova Fronteira. Atuando neste mercado há somente um ano, a editora vende, hoje, 15 mil exemplares por mês, mantendo trinta títulos diferentes. Esse volume representa 15% de suas vendas totais. O diretor de vendas da empresa acredita que o segmento infantil representará, muito brevemente, cerca de 30% das vendas da editora.”

O Diretor-editorial do Globo, percebe um crescimento real das vendas de literatura infantil. E admite ser necessário um cuidado especial para aquela faixa de público: “Normalmente dedicamos uma fatia insignificante de nossos investimentos para as histórias infantis. Agora, este percentual deve crescer até como forma de acompanharmos o mercado” afirma.

A LPM, segundo informações de seu Diretor-editor, segue uma política específica para a Literatura Infantil que ocupa 10% de seus lançamentos. Diz ele: “A Literatura Infantil sempre será uma linha acessória da editora. Mas estamos atentos ao mercado e iremos ocupar os espaços de acordo com a demanda”.

Já a Mercado Aberto, também do Rio Grande do Sul, demonstra, através das declarações de seu diretor, acreditar mais no potencial desse público. Diz ele que “apenas no primeiro semestre, os 23 títulos de três coleções de histórias infantis atingiram um crescimento de vendas superior a 200%, em comparação ao mesmo período do ano anterior”. A editora mantém para essa faixa 30% de sua produção total.

Em diversas matérias publicadas por ocasião da Bienal lemos declarações entusiásticas de editoras tradicionais na área como Melhoramentos, Brasiliense, Récord, EBAL e Ática. Um dos diretores dessa última editora toca em um ponto interessante. “Quem só agora está aderindo a este filão está pegando o bonde andando. A Ática aposta nesse mercado desde 1978, quando a tendência começou a surgir na Europa, e nunca se arrependeu. E quem diz que trabalha no vermelho é conversa, pois ninguém continua num negócio que dá prejuízo”.

O editor não é um abnegado, dedicado exclusivamente a preservar e divulgar a produção cultural do país, mas sim um agente cultural que precisa ter os pés na terra, para que possa sobreviver em meio à crise geral. O que se torna urgente pensar é até onde pode levar essa visão mercadológica do livro destinado a crianças e jovens. O que vimos à venda na “8ª Bienal Internacional do Livro” foi uma enxurrada de títulos da qual pequena porção se enquadrará nas exigências mínimas da

Arte. Ampliando essa visão, digamos "elitista", alguns seriam leitura de lazer de qualidade razoável. A maioria, infelizmente, é uma produção consumista que visa apenas preencher essa gorda fatia do mercado. O que vemos hoje é a inversão do quadro que encontramos quando há nove anos assumimos uma coluna semanal de crítica de literatura infantil. Àquela época dávamos conta de praticamente tudo o que era publicado. Agora examinamos mais de dez títulos para chegar a um que mereça uma leitura atenta. Mesmo alguns bons autores, ou seja, aqueles cuja obra tem coerência e significado, embarcam vez por outra nessa visão estreita do problema e tiram do fundo da gaveta textos que ali deveriam permanecer.

Caberia ao editor consciente manter leitores especializados com vistas a uma qualidade estável da produção. Não faria mal a ninguém pensar que esse novo público leitor que se vai aos poucos formando, torna-se mais consciente e mais crítico. Professores, críticos, editores e pais em geral estão cada vez mais interessados nos problemas da leitura e examinam com cuidado o que o mercado lhes oferece.

Se agora é hora de publicar tudo, sem critérios de seleção chegará o dia em que o público consumidor descobrirá que mesmo no livro, nesse mito que é a palavra escrita existe o lixo, tanto quanto nos demais meios de comunicação, e é preciso separar o joio do trigo.